

O Atentado ao Hotel King David

A 22 de julho de 1946, o **Hotel King David** em Jerusalém, então parte do Mandato Britânico da Palestina, foi abalado por uma explosão massiva que **matou 91 pessoas e feriu 46**. O ataque, perpetrado pelo **Irgun**, um grupo paramilitar sionista, teve como alvo o hotel porque abrigava o **quartel-general administrativo britânico** — incluindo escritórios militares e de inteligência.

O atentado continua a ser um dos atos de violência política mais devastadores e controversos na história moderna da região. Embora o Irgun tenha justificado o ataque como um ato de resistência anticolonial, **segundo a definição internacional atual — sob a Convenção da ONU de 1999 sobre o Financiamento do Terrorismo e o direito humanitário consuetudinário — constitui um ato de terrorismo**, pois visou deliberadamente um edifício ocupado por civis para alcançar objetivos políticos.

Contexto: O Mandato Britânico e as tensões crescentes

O **Hotel King David**, um marco de calcário de sete andares, era tanto uma residência de luxo quanto o coração administrativo do domínio britânico na Palestina. A ala sul, conhecida como “Secretariado do Governo”, abrigava o quartel-general do Exército Britânico e os escritórios da Divisão de Investigação Criminal (CID).

Em meados da década de 1940, organizações militantes judaicas — frustradas com o **Livro Branco de 1939** que restringia a imigração judaica e a aquisição de terras — iniciaram uma resistência armada ao controlo britânico. O Holocausto intensificou a determinação judaica de assegurar uma pátria, enquanto os britânicos, presos entre as exigências judaicas e árabes, recorriam cada vez mais a medidas de segurança repressivas.

Entre os grupos clandestinos judaicos, o **Irgun Zvai Leumi**, liderado por **Menachem Begin**, defendia ataques diretos contra alvos britânicos. Begin via os britânicos como uma potência ocupante colonial que obstruía a formação do Estado judaico. Em 1945–46, o Irgun juntou-se ao **Lehi (Bando Stern)** e à corrente principal **Haganah** no que foi chamado de “**Movimento de Resistência Judaica**”. Esta aliança era, no entanto, instável, pois o líder da Haganah **David Ben-Gurion** tentava frequentemente conter as facções mais militantes.

O ataque: Planeamento, avisos e execução

Arquivos desclassificados permitem agora uma reconstrução detalhada do atentado ao Hotel King David. O planeamento começou no início de julho de 1946. O objetivo do Irgun era destruir ficheiros de inteligência britânicos que acreditavam conter provas de operações sionistas apreendidas durante a **Operação Agatha**, uma rusga britânica em grande escala que deteve centenas de ativistas judaicos.

Plano do Irgun e estrutura de comando

Registos israelitas e britânicos recentemente publicados identificam as figuras-chave da operação:

- **Comandante:** Menachem Begin
- **Chefe de operações:** Amichai Paglin (“Gidi”) – projetista do dispositivo explosivo
- **Equipa de disfarce:** Sete operativos com **galabiyas árabes** (túnicas)
- **Vigilante:** Yitzhak Sadeh (ligação Haganah)
- **Condutor:** Yisrael Levi

Na manhã de 22 de julho, operativos do Irgun introduziram contrabando **350 quilogramas de gelignite**, escondidos em latas de leite, na cave do hotel sob o *Café La Régence*. Uma análise forense posterior correspondeu a gelignite a explosivos roubados do **Depósito de Munições Britânico em Haifa** (ficheiro CID RG 41/G-3124).

Os avisos: Cronologia minuto a minuto

Provas primárias do **ficheiro MI5 KV 5/34** e testemunhos contemporâneos confirmam que foram feitas **três chamadas de aviso**:

Hora	Ação	Fonte
11:55	Chamada para o <i>Palestine Post</i> : “Combatentes judeus avisam-vos para evacuar o Hotel King David.”	Registo do <i>Palestine Post</i>
11:58	Chamada para o Consulado Francês ao lado: “Bombas no hotel – saiam imediatamente.”	Cabo diplomático francês, 23 jul 1946
12:01	Chamada para a operadora do hotel: “Esta é a Subterrânea Hebraica. As latas de leite na cave explodirão em meia hora.”	Interceções MI5, ff. 112–118

No entanto, a **operadora do telefone do hotel**, habituada a alarmes falsos, descartou o aviso como “mais uma piada judaica”. O **Secretário-Chefe Sir John Shaw**, ao ser informado, terá dito: “Tivemos vinte chamadas destas esta semana”. Uma busca militar britânica à cave às 12:15 verificou apenas áreas públicas, ignorando o corredor de serviço sob *La Régence*.

Às **12:37**, a explosão obliterou a ala sul. A detonação foi tão potente que foi registada no **sismógrafo da Universidade Hebraica**, destruindo arquivos, escritórios e vidas.

O custo humano

As 91 vítimas vieram de várias nacionalidades e comunidades:

Nome	Nacionalidade	Papel
Julius Jacobs	Britânico	Secretário-Adjunto (morto)
Ahmed Abu-Zeid	Árabe	Chefe de empregados, <i>La Régence</i>
Haim Shapiro	Judeu	Repórter do <i>Palestine Post</i>

Nome	Nacionalidade	Papel
Yitzhak Eliashar	Judeu sefardita	Contabilista do hotel
Condessa Bernadotte	Sueca	Delegada da Cruz Vermelha (ferida)

28 eram britânicos, 41 árabes, 17 judeus e 5 de outras nacionalidades. **The Palestine Gazette (1 ago 1946)** listou todos os nomes, sublinhando a natureza indiscriminada do ataque. Entre as vítimas havia funcionários de escritório, jornalistas, soldados e civis — muitos sem envolvimento direto no conflito político.

Consequências imediatas: Caos, condenação e repressão

A resposta britânica foi rápida e severa:

- **23 jul:** Jerusalém sob recolher obrigatório; 17.000 tropas destacadas.
- **26 jul:** Prisões em massa durante a segunda fase da *Operação Agatha*.
- **31 jul:** O general Barker emitiu uma ordem proibindo as tropas britânicas de entrar em negócios judeus — medida posteriormente condenada como racista.
- **Ago 1946:** Oferecida uma recompensa de £25.000 pela captura de Begin.

Em Londres, o **primeiro-ministro Clement Attlee** disse ao seu gabinete: “O custo de manter a Palestina excede agora o valor do Mandato” (CAB 128/6). Foi um reconhecimento direto de que o atentado influenciou a decisão britânica de remeter a questão palestina às Nações Unidas — um passo pivotal para a partição.

Reações judaicas internas e o debate sobre os “avisos”

Um **memorando capturado da Haganah** (CZA S25/9021) revelou que **David Ben-Gurion** tentou **cancelar a operação dois dias antes**, avisando que haveria “demasiados civis” presentes. O contacto da Haganah **Moshe Sneh** respondeu que o plano era “irrevogável”.

O Irgun alegou que os avisos provavam a sua intenção de evitar perdas de vidas. Mas por qualquer padrão militar ou moral razoável — especialmente sob o **direito humanitário internacional atual**, que proíbe ataques com provável dano civil desproporcional — tal operação seria **classificada como terrorismo**. Independentemente das intenções, o uso de um edifício civil cheio de não combatentes como alvo de bombardeamento não pode ser reconciliado com as normas modernas de conflito armado.

Reações globais e locais

Jornais árabes em toda a Palestina condenaram o atentado como “terrorismo judeu”.

- *Filastin*: “Terrorismo judeu mata 41 árabes na toca britânica”
- *Al-Difa*: “O hotel da morte”
- *Al-Ittihad*: “Bombas sionistas – primeiro passo para nos expulsar”

Internacionalmente:

- **The New York Times** chamou-o de “um ato que prejudica a causa judaica”, notando uma queda de 30% na angariação de fundos sionista nos EUA.
- **L'Osservatore Romano** do Vaticano condenou os “métodos bárbaros”.
- A **imprensa soviética**, inicialmente silenciosa, enquadrou-o mais tarde como “resistência anti-imperialista”.
- **Jawaharlal Nehru** comentou que “os britânicos colhem o que semearam”, ligando o tumulto palestino a distúrbios coloniais na Índia.

Julgamentos e consequências a longo prazo

As autoridades britânicas julgaram vários suspeitos do Irgun nos **tribunais militares de Jerusalém** no início de 1947. Seis receberam sentenças de morte, comutadas para prisão perpétua após pressão pública. Outros escaparam durante a **Fuga da Prisão de Acre** em maio de 1947. O próprio Menachem Begin evitou a captura, recebendo amnistia após a independência de Israel em 1948.

Politicamente, o atentado acelerou a retirada britânica. Em meados de 1947, o governo admitiu que já não podia governar a Palestina de forma eficaz. Seguiu-se o Plano de Partição da ONU e, em dois anos, nasceu Israel em meio a uma guerra renovada.

Comemoração, revisionismo e controvérsia contínua

Desde 1948, o legado do atentado permanece divisivo:

- **1966:** Veteranos do Irgun instalaram uma placa no hotel creditando os seus avisos e culpando a inação britânica.
- **2006:** Uma cerimónia de nova placa foi boicotada por diplomatas britânicos; palestinos chamaram-lhe “glorificação do terror”.
- **2016:** Currículos escolares israelitas enquadraram-no como “um ataque cirúrgico que acelerou a independência”.
- **2021:** A ONG palestina **Zochrot** lançou um memorial digital que lista todas as 91 vítimas, incluindo o pessoal árabe.

Avaliação moral e legal: Terrorismo segundo padrões atuais

Embora alguns em Israel ainda vejam o ataque como um ato desesperado de resistência anticolonial, as definições modernas deixam pouca ambiguidade. Sob a **definição de trabalho de terrorismo da Assembleia Geral da ONU de 2004** — o uso intencional de violência contra civis para influenciar a política governamental — **o atentado ao Hotel King David qualifica-se como terrorismo**.

Mesmo com avisos emitidos, o Irgun colocou deliberadamente explosivos de alta potência num edifício civil em funcionamento, violando princípios posteriormente codificados nas **Convenções de Genebra** e no **Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional**. O ob-

jetivo do ataque — forçar a retirada britânica através do medo — cumpre todos os critérios de um ato terrorista sob a lei contemporânea.

Legado e reflexão

Hoje, o Hotel King David ergue-se reconstruído, as suas cicatrizes parcialmente ocultas mas nunca apagadas. Os visitantes ainda podem ler a placa erigida pelo Irgun — e nas proximidades, o silencioso memorial que honra os mortos.

As lições do atentado permanecem dolorosamente relevantes:

- **Os avisos não absolvem a responsabilidade moral.**
- **As lutas de libertação nacional arriscam o colapso moral quando visam civis.**
- **Contextos coloniais geram violência que desfoca a linha entre combatente da liberdade e terrorista.**

Em retrospectiva, o atentado ao Hotel King David não foi meramente uma “operação militar” mas uma **tragédia de julgamento errado e custo humano**. Acelerou a retirada britânica mas também enraizou um ciclo de violência retaliatória que continua a moldar o conflito israelo-palestiniano hoje.

Segundo padrões contemporâneos, ergue-se como **ato de terrorismo** — um lembrete severo de que a busca por justiça ou nação nunca deve vir às custas de vidas inocentes.

Referências

1. Reino Unido. Gabinete. *Conclusões do Gabinete, 25 jul 1946*. CAB 128/6. The National Archives, Kew.
2. Reino Unido. MI5. *Irgun Zvai Leumi: Comunicações interceptadas e chamadas de aviso, jul 1946*. KV 5/34, ff. 112–118. The National Archives, Kew, 2006.
3. Israel. Divisão de Investigação Criminal (CID). *Relatório forense sobre explosivos do Hotel King David, 22 jul 1946*. RG 41/G-3124. Arquivos Estatais de Israel, Jerusalém.
4. Israel. Arquivos Haganah. *Memorando interno: Ben-Gurion a Moshe Sneh, 20 jul 1946*. S25/9021. Arquivos Sionistas Centrais, Jerusalém.
5. Mandato da Palestina. *The Palestine Gazette*, n.º 1515 (1 ago 1946). Imprensa Governamental, Jerusalém.
6. Nações Unidas. *Convenção para a Repressão do Financiamento do Terrorismo*. Resolução da Assembleia Geral A/RES/54/109, 9 dez 1999.
7. Nações Unidas. *Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional: Relatório do Grupo de Trabalho*. A/59/894, 2004.
8. *Al-Difa'* (Jaffa). “O hotel da morte.” 23 jul 1946.
9. *Al-Ittihad* (Haifa). “Bombas sionistas – primeiro passo para nos expulsar.” 23 jul 1946.
10. *Filastin* (Jaffa). “Terrorismo judeu mata 41 árabes na toca britânica.” 23 jul 1946.
11. *L'Osservatore Romano* (Cidade do Vaticano). “Métodos bárbaros na Palestina.” 24 jul 1946.
12. *The New York Times*. “Explosão terrorista em Jerusalém.” 23 jul 1946.
13. Editorial: “Um ato que prejudica a causa judaica.” 24 jul 1946.

14. *The Palestine Post* (Jerusalém). "Registo de avisos do hotel, 22 jul 1946." Registos internos da central telefónica. Arquivos Estatais de Israel.
15. Begin, Menachem. *The Revolt*. Traduzido por Samuel Katz. Londres: W. H. Allen, 1951.
16. Clarke, Thurston. *By Blood and Fire: A história do atentado ao Hotel King David*. Nova Iorque: Putnam, 1981.
17. Khalidi, Rashid. *The Iron Cage: A história da luta palestina pela estatalidade*. Boston: Beacon Press, 2006.
18. Morris, Benny. *1948: Uma história da primeira guerra árabe-israelita*. New Haven: Yale University Press, 2008.
19. Segev, Tom. *One Palestine, Complete: Judeus e árabes sob o Mandato Britânico*. Traduzido por Haim Watzman. Nova Iorque: Metropolitan Books, 2000.
20. Arquivo Dan Hotels. *Fotografias da reconstrução do Hotel King David, 1946–1948*. Acedido 15 out 2025.
21. Zochrot. *Memorial das Vítimas do Hotel King David*. Base de dados digital com coordenadas GPS. Acedido 15 out 2025.
22. Imperial War Museum. *Fotografia HU 73132: Ruínas do Hotel King David, 23 jul 1946*. Londres.
23. Library of Congress. Coleção Fotográfica Matson. *Hotel King David, fachada pré-1946*. Washington, DC.